

Educação e participação

ARNALDO NISKIER

CORREIO BRAZILEIRO

Quando foram buscadas as causas dos movimentos sociais que desaguaram nas manifestações de maio de 1968, especialmente na Europa, foi muito lembrado o espontaneísmo pedagógico, de que o filósofo Kant foi o grande líder. O *laissez faire* substituiu a imposição autoritária, num movimento pendular que deve ser discutido. Como conciliar a frieza dos técnicos com a sua total omissão, numa e noutra das pontas do processo?

Jorge Werthein e Manuel Argumedo, em nome do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), escreveram "Educação e Participação" (coedição MEC/Philobiblion, 1985), em que procuram uma proposta alternativa para a educação popular latino-americana, a fim de que se definam com maior clareza os limites e possibilidades do técnico como cooperador, na implementação das propostas de ação. Busca-se articular o projeto global, em nível nacional, com os projetos locais de desenvolvimento, entendendo-se o porquê dos conflitos e contradições.

Tivemos uma experiência prática desses postulados na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (79-80). Sob a liderança de Maria Alice Máximo e Jorge Werthein, procuramos nos valer dos conceitos do planejamento participativo — base dos elementos de uma pedagogia social — para ministrar ensinamentos em classes pertencentes aos estamentos mais pobres da nossa sociedade. Desse projeto nasceram as experiências de educação popular nas periferias urbanas do Rio de Janeiro (especialmente no município de Nova Iguaçu) e os êxitos assinalados na montagem de um corredor de educação rural no interior fluminense, com escolas projetadas e inauguradas a partir de Teresópolis, até chegar ao distante município de Campos. Visávamos a um objetivo muito próximo do que se assinala no livro mencionado: "Distinguir as práticas culturais consumistas das produtivo-criativas permitirá, sem dúvida, elaborar estratégias de educação popular a partir dos elementos mais autênticos da cultura dos setores populares, onde se encontra a semente de propostas alternativas de ação".

Com isso, fica muito evidente a presença da cultura popular no processo, o que nem sempre é percebido pelos técnicos, dominados por outras influências e teorias. Por serem elitistas, deixam de ser absorvidas no trabalho.

Argumedo chama a atenção para o aspecto essencial do currículo: "Parece evidente que as necessidades e interesses definidos pela comunidade não constituem por si mesmos o currículo, como tampouco poderiam considerar-se currículo, as orientações gerais formuladas pela Instituição Educadora, na perspectiva de reproduzir, um certo consenso da sociedade, global..."

Segundo o mesmo raciocínio, cabe ao professor a elaboração do projeto final de ensino-aprendizagem, o que não significa que ele deva decidir o que se vai aprender, e sim que ele elaborará uma mensagem para jogar na situação de ensino como proposta ("procurará traduzir essa mensagem em atividades, informações e materiais para pô-los à disposição dos alunos na experiência educativa").

Para que isso ocorra é indispensável que se conte com a competência dos professores, pois se ela não existir o domínio voltará às mãos dos técnicos, o que pode resultar na implantação de uma cultura alienante, universal, desprovida do sentido prático que se deseja.